
Estratégias de referenciação em textos multissemióticos

Mônica Magalhães Cavalcante*
Mariza Angélica Paiva Brito*

Resumo: Nosso objetivo neste artigo é demonstrar, por meio da análise de charges e acusações postadas nas redes sociais Facebook e WhatsApp, que os interlocutores elaboram representações negociadas dos referentes a partir de pistas contextuais que lhes permitem reconstruir introduções referenciais ou anáfora (retomada). Tais indicações são expressas ou retratam identidades em textos imagético-verbais, ou apenas elementos evocativos que fazem parte desses textos. À semelhança do que é feito pelas expressões referenciais, as imagens podem explicar os referentes ou apenas evocá-los. Tentamos demonstrar como alguns dos traços imagéticos que evocam referentes são explicáveis pela Grammar of Visual Design de Kress e van Leeuwen, e que os mesmos traços podem favorecer processos sociocognitivos de introdução, anáfora e dêixis.

Palavras-chave: Anáforas; Elementos Evocativos; Referenciação.

Referencing strategies in multisemiotic texts

Abstract: Our goal in this paper is to demonstrate, by analyzing cartoons and charges posted on both social networks Facebook and WhatsApp, that the interlocutors elaborate negotiated representations of the referents based on contextual clues that allow them to rebuild referential introductions or anaphora (resumption). Such indications are expressed or portray identities in verbal-imagery texts, or just evocative elements that are part of these texts. Similar to what is done by the referring expressions, images can explain the referents or just evoke them. We tried to demonstrate how some of the imagetic traits that evoke referents are explicable by the Grammar of Visual Design by Kress and van Leeuwen, and that the same traits can favor socio-cognitive processes of introduction, anaphora and deixis.

Keywords: Anaphoras; Evocative Elements; Referenciation.

Introdução

Referentes são entidades que construímos e reconstruímos em nossa mente à medida que transcorre qualquer enunciação: seja uma troca conversacional, seja a leitura de um texto verbal ou não verbal, seja o acompanhamento de um filme ou de um programa televisivo qualquer¹ etc. Não são realidades concretas do mundo, mas entidades que representamos, cada um à sua maneira, em cada contexto enunciativo específico. Não se pode falar de referentes, então, como entidades estáticas, congeladas, registráveis em dicionário, tal como se faz com os significados, senão apenas como algo que, durante uma interação, podemos imaginar, conceber, apreender. Essa apreensão não será igual para todas as pessoas no momento da interação, mas apresentará muitos pontos em comum, de maneira que a enunciação possa ser negociada e possa efetivar-se com mais ou menos sucesso. A essas entidades dinâmicas, ou referentes, ou objetos de discurso (MONDADA, 1994) em contínuo processo de reelaboração em todo contexto enunciativo, estão necessariamente ligados os significados e as diferentes formas (significantes) que os materializam, ou não, no cotexto (entendemos *cotexto* como aquilo que está explícito na superfície textual).

Neste trabalho, iniciamos algumas reflexões sobre os diversificados modos semióticos pelos quais os referentes podem ser engatilhados no cotexto de textos verbo-imagéticos. Por vezes, a imagem se presta a retratar o próprio objeto referido, tal como o fazem as expressões referenciais, sugerindo uma estabilização da referência, a qual – como sabemos – nunca acontece de todo. Por vezes, tais imagens ou expressões referenciais convocam outros referentes com os quais se associam; e, por vezes, somente traços imagéticos ou aspectos linguísticos sugerem referentes. Para explicar como certas convenções da organização da imagem no texto colaboram para a construção de referentes pelos interlocutores, recorreremos ao aporte teórico da Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006). Para o recorte do presente artigo, elegemos as relações possíveis

¹ Como afirma Custódio Filho (2010, p. 15): “A ação de referir não pode ser encarada apenas no espectro da relação entre expressão referencial e elementos linguísticos cotextuais; ela pode se efetivar, em muitas situações, por meio de práticas multimodais.”

entre a metafunção “representacional” e os processos de introdução referencial e anáfora.

2 A colaboração dos traços imagéticos para as relações referenciais

Os referentes podem ou não manifestar-se no cotexto como expressões referenciais. Tais expressões constituem o modo mais evidente, mas não o único, de o interlocutor comprovar a existência de um processo referencial, pois outros recursos multimodais se apresentam para funcionar como trilhas para a reconstrução das entidades e dos sentidos argumentativos.

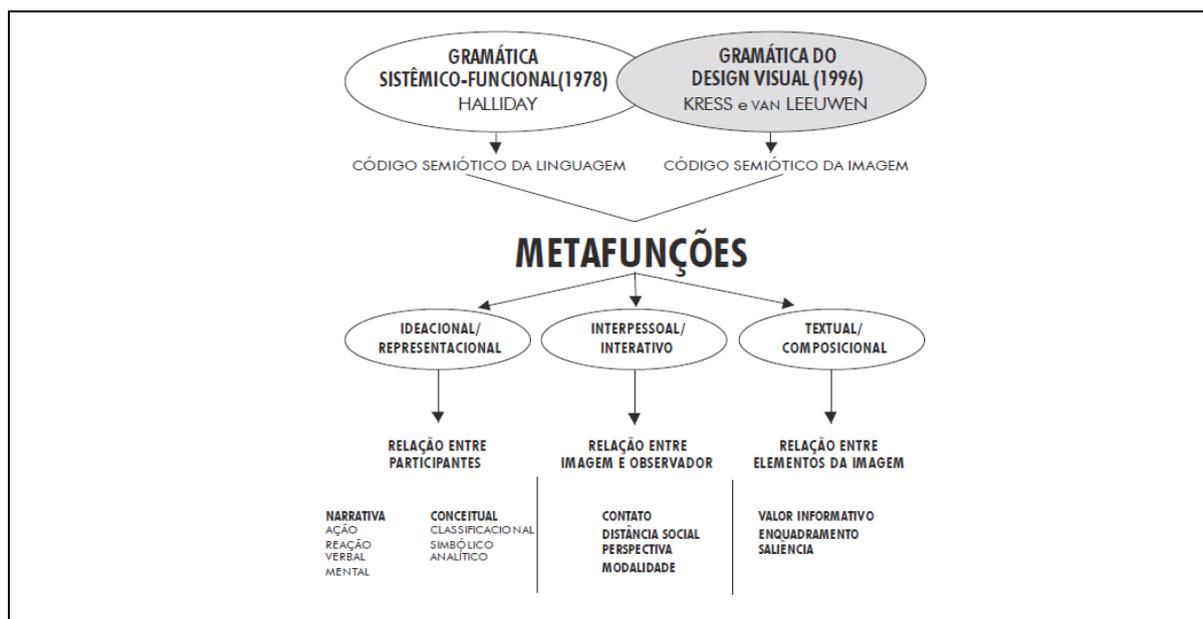
As expressões referenciais são, geralmente, sintagmas nominais ou pronomes substantivos, mas podem, às vezes, constituir sintagmas adverbiais, do tipo *aqui, agora, ontem* etc., ou sintagmas preposicionais equivalentes, como *neste local, por três semanas seguidas, no dia marcado* etc.

Além da parte verbal, as imagens, os sons e as outras “fontes de percepção” também proveem conteúdo para a produção e a interpretação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). As representações sobre um objeto de discurso podem ser, portanto, engatilhadas por recursos diversos. Mas ainda não se fez uma descrição das regularidades das relações entre traços imagéticos e processos referenciais de introdução referencial, anáfora e dêixis. Este trabalho levanta algumas hipóteses sobre a complexa integração entre imagens, formas linguísticas, marcas tipográficas e estabilização de objetos de discurso (ou referentes). Os referentes podem ser apreendidos com base nos conteúdos simbólicos da imagem, ou com base apenas em aspectos que, por associações de toda ordem, disparam inferências. O mesmo se pode dizer com relação às formas linguísticas: em dados contextos, algumas expressões referenciais denotam significados representativos de objetos do discurso, ou podem simplesmente despertar os interlocutores para procederem à relação entre referentes. Além disso, há formas não referenciais que também contribuem para essas elaborações conjuntas. Os recursos visuais de um texto podem, portanto, exercer funções semelhantes às dos recursos linguísticos.

Nosso objetivo é mostrar que, em textos multissemióticos, as estratégias de referenciação se engendram por meio da integração das diferentes metafunções em seus planos semióticos. Para isso, discutiremos como certos indícios imagéticos e simbolizações dados pela metafunção “representacional” podem contribuir para a elaboração de objetos de discurso em textos cartuns e charges.

Assumimos o ponto de vista de Kress e van Leeuwen (2006) de que a linguagem não verbal, juntamente com a linguagem verbal, compõem os dois elementos representativos de um texto, que, por sua vez, é sempre multimodal e, por isso, deve ser lido a partir da conjunção de todos os modos semióticos nele configurados. Fazemos coro também à Jewitt e Oyama (2009), que apontam como imprescindíveis o modo como a fala e a escrita interagem com os modos não verbais de comunicação. Kress e van Leeuwen (2006) desenvolveram uma Gramática do *Design* Visual, da qual nos valem aqui, para descrever certos modos de expressão imagética da cultura ocidental, isto é, certas categorias socialmente convencionadas, ou códigos, de expressão do *design*, oferecendo, deste modo, uma ferramenta para as pesquisas sobre textos verbo-imagéticos.

Para Almeida e Fernandes (2008), a grande contribuição da *Gramática do Design Visual* para o campo da linguística tem sido a de oferecer uma maneira mais sistemática de análise das estruturas imagéticas que seja menos generalizante e que considere seus significados ideológicos. Kress e Van Leeuwen propõem investigar as imagens em termos de suas metafunções visuais sob uma perspectiva crítico-social. Entendem, por isso, que os elementos de uma determinada estrutura visual se correlacionam para comunicar significados política e socialmente embasados. Abaixo, mostramos a proposta dos autores para a análise multissemiótica, sintetizada na figura idealizada por Almeida e Fernandes.



Quadro 1: A Gramática da Língua e a Gramática Visual de Almeida e Fernandes (2008, p. 3).

Kress e van Leeuwen (2006) fazem uma adaptação das metafunções propostas por Halliday (1978), selecionando um conjunto de categorias pensadas para o código semiótico linguístico e aplicando-as ao código semiótico da imagem. Assim, por inspiração nas três metafunções sistêmico-funcionais de Halliday: ideacional, interpessoal e textual, Kress e van Leeuwen pleiteiam que a linguagem multissemiótica seja descrita em termos de significados *representacionais*, *interpessoais* e *composicionais*, conforme a figura acima. Pela brevidade deste trabalho, não resenharemos as características que definem cada subclasse das três metafunções da Gramática do Design Visual (doravante GDV). Convém-nos tão-somente trazer para nosso escopo de análise algumas das constatações da GDV, a fim de refletir sobre como os aspectos imagéticos participam da construção colaborativa de referentes.

Primeiramente, perguntamos quais das subclasses da metafunção “representacional”, proposta pelos autores, poderiam ajudar a explicar a introdução e a retomada anafórica de certos referentes em textos verbo-imagéticos. Posteriormente, tentamos relacionar, empiricamente, os traços imagéticos pertinentes aos referentes introduzidos e aos retomados, para identificar os tipos de metafunção “representacional” que intervinham nesse processo e associá-los às diferentes etapas de construção do referente.

Reiteramos a ideia de Costa (2007) de que há um entrelaçamento constitutivo entre

a materialidade textual e as relações intercognitivas estabelecidas entre os interlocutores. Diremos que, nessa indiscutível integração, as influências socioculturais, numa via de mão dupla com o cotexto, acontecem em contínuas desestabilizações e estabilizações de categorias.

As formas de retratação dos referentes no cotexto e as formas de apenas sugerir-los por associações não só ajudam a ancorá-los, como também, em alguma medida, a estabilizar as confirmações (ou manutenções) e os acréscimos das recategorizações (progressões) que eles sofrem na construção da coerência textual. O procedimento anafórico consiste nesses movimentos de ancoragem e aparente estabilização, conforme mostramos em outro estudo:

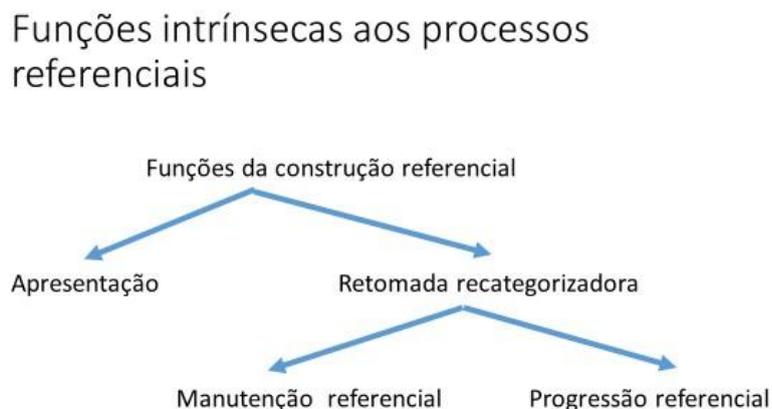
Os referentes completam um percurso no texto que vai desde os modos como o locutor escolhe introduzi-los até as diferentes maneiras (sempre multimodais) pelas quais vai orientando o interlocutor sobre como espera que ele os interprete (embora jamais se possa assegurar que essas ações se deem conforme as expectativas de cada participante). Os processos de introdução referencial e de anáfora são, portanto, estratégias sociocognitivo-discursivas de estabilização dos objetos de discurso no texto. (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 12 – a sair).

Para analisar a participação dos elementos linguísticos e imagéticos na configuração dos referentes e, conseqüentemente, na formação da coerência, partiremos das duas grandes funções próprias das introduções referenciais e das anáforas: *apresentação* de referentes e *mudanças* (a que denominamos de *recategorizações*). Essas funções foram propostas por Custódio Filho (2011), que as descreveu como “etapas” da construção referencial: a *apresentação* do referente e as *mudanças* (que o autor subdividiu em *acréscimos*, *confirmações* e *correções*). Para o autor, a etapa de *confirmação* dos objetos de discurso no texto é fundamental, porque, sem ela, não seria possível apontar as modificações nesse percurso de evolução da referência. Além disso, é por meio das sucessivas confirmações que os referentes permitem ao interlocutor perceber a manutenção temática.

Não nos interessa, neste trabalho, verificar como se dá a sucessão das mudanças referenciais na linearidade do cotexto, por isso aproveitaremos da proposta analítica de Custódio Filho (2011) somente a ideia de que o locutor elege certos expedientes para *apresentar* o referente ao introduzi-lo no texto, assim como recorre a muitos outros dispositivos formais para instruir o interlocutor sobre como esses referentes vão evoluindo no texto, recategorizando-se. Importa-nos, nesta pesquisa, ponderar sobre as diferentes

formas de indiciar essas *apresentações* e *mudanças* referenciais, porque elas autorizam certas interpretações e desautorizam outras.

Segundo Bonomi (1994), uma vez introduzido o referente no texto, ele entra em rede com vários outros, formando o que o autor denomina de “espaço anafórico”. Essa constatação nos permite pleitear que é constitutivo dos processos anafóricos recategorizar os referentes. Essas evoluções ou recategorizações dos referentes fazem a temática progredir e não são ditadas pelo locutor, mas se compõem na mente dos interlocutores ao longo da interpretação do texto, numa dinâmica de negociação. Propomos que as *mudanças* se dão por acréscimos de traços aos referentes, que, por um lado, confirmam e *mantêm* os objetos de discurso nos tópicos em desenvolvimento no texto; por outro, fazem tais objetos *progredir*, a sair do estado inicial em que haviam sido apresentados, por isso são fundamentais para a progressão temática da coerência. Defendemos, com isso, que as duas grandes funções dos processos referenciais de introdução e de anáfora sejam, então, distribuídas no seguinte quadro esquemático:



Quadro 2: Funções intrínsecas aos processos referenciais

Como explicamos em outro estudo, nas introduções referenciais, o locutor escolhe certos meios de expressão para *apresentar* os referentes pela primeira vez no texto, o que inclui expressões referenciais e outras formas linguísticas não referenciais que disparam referentes; imagens que retratam referentes ou traços imagéticos que permitem introduzir objetos por associações

metonímicas *ad hoc*. Raciocínio semelhante vale para as anáforas, que funcionam como *retomadas recategorizadoras*. Os processos de retomada anafórica indiretos e diretos que se engendram vão sendo recategorizados e, num duplo movimento, mantêm os referentes na tessitura do texto e, ao mesmo tempo, viabilizam a progressão. Essa progressão pode, por vezes, resultar na transformação total de um referente em outro (como nos casos que Custódio Filho chama de “correção”), mas isso nem sempre ocorre. Para manter os objetos de discurso no texto e, simultaneamente, fazê-los progredir, o locutor labora as diversas formas de estabilização do referente. Assim sendo, as âncoras colaboram entre si, a fim de permitirem aos interlocutores a construção das anáforas. Temos reivindicado (ver Cavalcante; Brito, 2016, a sair) a necessidade de distinguir entre anáfora como processo sociocognitivo-discursivo de retomada recategorizadora e formas diversas de indiciamento anafórico das mudanças que se manifestam na superfície cotextual. Do mesmo modo, vale distinguir entre introdução referencial e formas diversas de apresentação desses referentes.

3 Relação entre os traços imagéticos e os referentes

Como vimos, o referente, após ser introduzido no texto, sempre sofre mudanças nas *retomadas recategorizadoras*, que ao mesmo tempo o confirmam na temática desenvolvida e o modificam, favorecendo a progressão referencial. Na análise que estamos sugerindo, as introduções referenciais e as anáforas podem ser indiciadas por aspectos imagéticos e por elementos verbais.

Nessas recategorizações, o referente pode, por exemplo, ser *confirmado* por outros aspectos imagéticos ou verbais, porque as anáforas (diretas ou indiretas) não se ancoram em apenas um antecedente. Mas, dependendo do planejamento do locutor, certos referentes podem ser refutados: eles passam por tantas mudanças (progressões) que se transformam em outros, como acontece nos textos com quebra de expectativa.

3.1 Como a metafunção “representacional” pode apresentar referentes

Nesta análise, indagamos sobre quais regularidades podem ser constatadas na complexa relação entre os modos de apresentar as introduções, os modos de recategorizar as anáforas e as indicações da metafunção “representacional” postulada por Kress e van

Leeuwen (2006). Estes autores explicam, com a GDV, os sentidos oriundos das relações entre os participantes da imagem, buscando atribuir a certos traços imagéticos regularidades funcionais. Para isso, valem-se das três metafunções propostas por Halliday (1985) sob o nome de *ideacional*, *interpessoal* e *textual* para interpretar as formas de interação social viabilizadas por textos (verbo)-imagéticos. Com base nessas três metafunções, Kress e van Leeuwen propõem outras três aplicáveis a seu objeto de investigação: a “*representacional*”, a “*interacional*” e a “*composicional*”. A primeira, que estamos focalizando neste artigo, dá indicações dos objetos que estão sendo apresentados na cena da imagem e de como eles se relacionam dentro dela. Por isso, os autores subclassificam a metafunção “representacional” em dois tipos: a “narrativa” (para ações, eventos e processos de mudança) e a “conceitual” (para quando não se mostram ações, nem eventos, nem processos). Conforme observa Leal:

As Representações Narrativas podem ser identificadas pelo analista por meio de “setas” que apontam para um movimento dentro do ato semiótico. Esses condutores indicam existir um participante que direciona a sua ação para o outro. De fato, ao contrário das conceituais, que representam os participantes em termos de tipos ou classes, a representação narrativa apresenta ações, eventos, processos de mudança. Desse modo, a marca desses processos narrativos é a presença de um vetor representado por setas, normalmente, por linhas oblíquas, que mostram a direcionalidade da ação. O participante do qual parte a ação é conhecido como ator. É dele que parte a seta com a ponta direcionada àquele que recebe a ação, o qual será reconhecido como meta. (2001, p. 179).

As Representações Conceituais apresentam os participantes numa organização por classe, estrutura ou significação, por isso não se descrevem vetores, nem atores, nem metas. Kress e van Leeuwen discriminam três tipos de Representações Conceituais: *classificacional*, *analítico* e *simbólico*. Nas imagens Conceituais classificacionais, os participantes interagem, hierarquicamente, numa relação de superordenado e subordinados, como, por exemplo, numa imagem com vários tipos de carro, presentes em um anúncio publicitário. Os participantes são colocados juntos de acordo com uma dada classificação.

Nas Representações Conceituais analíticas, verifica-se uma relação de parte-todo entre os participantes, em que um “portador” representa o todo e os “atributos possessivos” representam suas partes. Evidentemente, a seleção dos atributos não é aleatória, e o modo como eles são exibidos pode obedecer a uma dada estruturação. Por fim, as Representações Conceituais simbólicas se prestam a indicar ou sugerir a identidade do portador. Esta nos parece ser a subclasse mais relacionável aos processos referenciais pela propriedade

identificadora que tem. Tais Representações Conceituais simbólicas se subdividem ainda em *atributivas* (quando os portadores são realçados ou pelo tamanho, ou por gestos, ou por valores simbólicos culturais), ou *sugestivas* (quando os portadores não são salientados, mas apenas sugeridos por certos aspectos que o identificam).

Ponderemos sobre o seguinte exemplo:

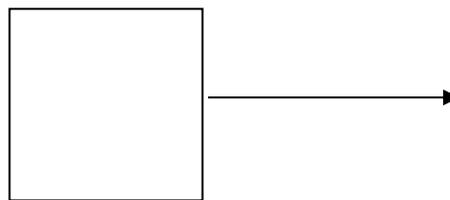
(1)



Pela metafunção “representacional”, podemos afirmar que a imagem do exemplo (1) é Narrativa, pois os participantes ali representados (que correspondem a referentes) podem ser interpretados como estando numa relação entre ator e meta. Configura-se uma Ação em que um ator, no caso, o peixe, de quem parte o vetor, e que é considerado o mais saliente na cena, dirige o olhar a um outro participante, ou meta, no caso, a torneira e/ou os pingos. Como se mobilizam esses referentes no texto, em termos de introdução e de retomada referencial? Temos algumas possibilidades de introdução referencial, como peixe, água, aquário, torneira, pingo. Não se pode assegurar qual delas será processada primeiro por cada interlocutor; pode-se apenas afirmar que, depois que um dado interlocutor percebe um deles como introdução referencial, os outros constituirão anáforas. Os modos como as possíveis introduções foram apresentadas pelo locutor orientam o interlocutor na reconstrução dos objetos, e, ao mesmo tempo em que esses modos retratam os referentes, apresentando-os pela primeira vez, também possibilitam a associação com outros. Começa, então, a se configurar o “espaço anafórico”, em que os referentes introduzidos por certas formas de

apresentação serão retomados e recategorizados durante a progressão da coerência textual.

Atentemos para o exemplo: se considerarmos que a imagem retratando o peixe ou o aquário são introduções referenciais, diremos que as demais imagens, como água, torneira, pingo, estão a eles associadas em processos de anáforas indiretas. Como a metafunção “representacional” colabora nesses modos de apresentar os objetos no texto pela primeira vez? A, segundo Kress e van Leeuwen descreve o tipo de relação entre os participantes na imagem, de maneira a revelar se ela se apresenta como um evento (dinâmico) ou como um não evento (estático). No exemplo (1), temos uma imagem Narrativa, porque seu significado representacional descreve o movimento (por meio do vetor) do olhar do ator (o peixe) para a torneira do aquário e olha provavelmente para a água a vazar por ela. Nesse processo Narrativo, a caixa representaria o ator, e a seta, o vetor da Ação transacional, algo semelhante ao que Kress e van Leeuwen sugeriram com o quadro 3 a seguir:



Quadro 3 - Kress & van Leeuwen, 2006, p. 63.

Leal, recorrendo aos autores, observa que:

o processo de ação é quando há visualmente, de fato, dois participantes. Neste processo nomeado de transacional, conseguimos visualizar tanto para quem está sendo direcionada à ação, quanto de quem ou do que parte a ação, tornando-se possível ver o ator e também a meta. Novamente, numa analogia verbal, Kress & van Leeuwen (2006:64-65) esclarecem que em um processo transacional teríamos um verbo transitivo. Para eles, o processo transacional poderia ser a tradução da língua no visual, de forma mais ou menos inconsciente. (LEAL, 2011, p. 182).

No exemplo, temos uma caixa e um vetor e a ação que se desenrola na imagem permite o envolvimento de outros referentes, com os quais a introdução referencial (do peixe ou do aquário) está associada. Instauram-se, pois, por anáfora indireta, objetos de discurso, como o pingo e a torneira pela qual a água escorre. Tais elementos na Narrativa fazem emergir o referente mais central à temática em foco: o desperdício de água. É nesse ponto que os objetos peixe e aquário, ao se combinarem com os demais, são confirmados por eles, mas

também são mudados, recategorizados e, de um ponto de vista “conceitual” (mas não no sentido de Kress e van Leeuwen), podem simbolizar, respectivamente, a vida e o planeta.

Pela classificação de Kress e van Leeuwen, não seria possível, todavia, afirmar que a imagem seria “representacional conceitual”, porque, em princípio, os tipos “representacionais narrativos” contrastariam com os “representacionais conceituais”. Essa classificação excludente entre “narrativos” (com mudança de estado) e “conceituais” (sem mudança de estado) não nos parece, no entanto, proveitosa. Se pensarmos no caráter eminentemente “conceitual” das imagens, não precisamos, necessariamente, contrastar “narrativo” a “conceitual”, de vez que os participantes conceituais também poderiam estar presentes em imagens Narrativas.

Assim, parece-nos muito mais vantajoso propor uma classe de elementos “conceituais” propriamente ditos (vistos em termos de conceitos representados), que poderiam figurar tanto em imagens narrativas quanto nas não narrativas. Se bem descrita em estudos posteriores, essa classe “elementos conceituais” poderia tentar dar conta da análise dos aspectos conteudísticos das imagens, e essa possibilidade descritiva seria por demais relevante para um estudo dos significados imagéticos e de sua simbologia nos contextos sócio-históricos em que se atualizam.

Por essa perspectiva, poderíamos afirmar que o peixe ou o aquário com a torneira seriam conceitualmente simbólicos. O que simbolizaria o formato do aquário? Talvez possamos aludir ao formato do “planeta Terra”. O que simbolizaria a imagem composicionalmente saliente do peixe colorido? Talvez possamos pensar na representação da vida na Terra.

A relevância dos significados “representacionais”, de um ponto de vista mais conceitual, também se evidencia nas relações compartilhadas com os demais participantes (que materializam referentes na imagem) por meio de ligações metonímicas. Parece-nos que os referentes do peixe, do aquário, do pingo e da torneira representam identidades, num processo simbólico atributivo. O tamanho exagerado do aquário, o colorido do peixe e sua luminosidade em contraste com o cinza do restante da imagem confirmam o caráter simbólico atributivo desses referentes, agora recategorizados.

Assim como as imagens, as expressões referenciais manifestam uns e evocam outros referentes. A expressão referencial “life” retoma indiretamente o peixe, mas alude à vida no

planeta; a expressão “water” retoma correferencialmente a água do aquário, mas evoca (indiretamente) a água como substância essencial à vida no planeta.

Entendemos, por essas reflexões iniciais, que a metafunção “representacional narrativa” favorece bastante as relações anafóricas indiretas, por causa das associações que ela viabiliza. Sugerimos que se postule uma classe de metafunção “representacional” que permita a consideração “conceitual” de significados classificacionais, analíticos e simbólicos mesmo em imagens Narrativas. Constatamos ainda que essa metafunção “representacional” de natureza conceitual parece ser bastante produtiva, tanto nos modos de apresentar referentes nas introduções referenciais, quanto nos modos de retomá-los recategorizando-os nas anáforas diretas e indiretas, pelo caráter simbólico atributivo que podem comportar. O exemplo (2) pode comprovar essas afirmações:



A charge, neste exemplo (2), está relacionada à construção do Aquário do Ceará, cujas obras se encontram paralisadas desde o início de 2015. A entrega do Aquário, primeiramente, havia sido prevista para 2014, mas, no ano seguinte, mudaram a data para 2017, e a obra permanece estagnada. Se interpretarmos a imagem do peixe jazendo no ralo como representante de uma Narrativa em que já aconteceu o evento realizado, diremos que a Representação Narrativa só se oporia a Representações Conceituais por uma perspectiva “acional” ou não. Mas essa distinção deixa de contemplar uma característica essencial das Conceituais: sua peculiaridade de identificar conceitos e simbolizar objetos de discurso. Dessa forma, sugerimos que se reflita sobre a possibilidade de não conceber as metafunções como mutuamente exclusivas. As representações elencadas pela GDV podem se imbricar e

apresentar uma mesclagem de características umas das outras, como é o caso do exemplo (2) que ora discutimos. Leal (2011) enumera algumas características da representação conceitual como: fundo plano e neutro e ângulo frontal e objetivo.

Ainda que composicionalmente mais salientes, colaborando, com isso, para se imporem como introdução referencial, as imagens do aquário e do peixe morto só se recategorizam pelo acréscimo da expressão no topo da charge: “Aquário do Ceará”. Tal expressão referencial, que indicia anáforas e recategorizações, não só faz se confirmarem e se manterem os referentes, como também os faz progredirem, pois propõe a ideia de que a construção do aquário cearense “está indo pelo ralo”. A metafunção “representacional” “conceitual” do ralo faz emergir o referente de “escoamento”, de algo que se esvai, assim como também de “esgoto”. O caráter simbólico atributivo desses referentes pode promover diversas *mudanças* referenciais e, conseqüentemente, temáticas.

No exemplo (3), a seguir, reconhecemos a metafunção “representacional narrativa” operando na *apresentação* e na *retomada recategorizadora*, por manutenção e por progressão de referentes:

(3)



Pensemos na dinâmica de apresentação e de retomada anafóricas dos referentes. Que referentes a imagem indicia como introdução referencial? Como as expressões referenciais auxiliam nas retomadas anafóricas? Os acréscimos se dão por Confirmação:

míssil é recategorizado pela expressão “lava-jato”. A imagem aponta os referentes de míssil, do ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, e de seu filho Lulinha. Qualquer um deles pode constituir, para dado leitor/observador, uma introdução referencial. O locutor elegeu imagens para retratá-los, conceituá-los, simbolizá-los. Dependendo de qual deles seja tomado como introdução, os demais constituirão anáforas e contribuirão para recategorizações.

Os vetores da Narrativa fazem o leitor construir o referente de “ataque por míssil” ao político e a seu filho, que fogem das agressões. A expressão referencial “lava jato” confirma o referente de “ataque” e o faz progredir pelo acréscimo da ideia da Operação Lava Jato – uma investigação, já em sua 16ª fase, que, no dia 28 de julho de 2015, culminou em 2 mandados de prisão temporária e em 23 mandados de busca e apreensão. Ao mesmo tempo, o referente de Lava Jato é recategorizado pela imagem do “míssil” como algo ruim que está atingindo membros do Partido dos Trabalhadores (PT), fundado pelo ex-presidente. O processo Narrativo de ação, nesta charge, sugere que o ex-presidente Lula pretendia fugir das investigações.

Muitas outras considerações podem ser acrescentadas a esta breve análise, mas o espaço assim não o permite. Importa-nos, neste artigo, sugerir que pesquisas mais avançadas relacionem, criteriosamente, parâmetros de análise da semiótica social de Kress e van Leeuwen com parâmetros da referenciação.

4 Conclusão

Este trabalho buscou demonstrar que, por meio da metafunção “representacional”, os interlocutores organizam e incorporam nos textos sua experiência dos fenômenos do cenário social que vivenciam, o que inclui suas percepções e o modo de designá-las. Cremos que a metafunção “representacional” fornece ao linguista um conjunto de traços que evidenciam as intrincadas relações entre os conteúdos imagéticos, as expressões linguísticas, os conceitos simbolizados e as construções referenciais que se originam de tudo isso na reelaboração da coerência textual. Deixamos a trabalhos futuros a hipótese de que a metafunção “representacional” talvez seja a que mais colabore para as funções de *apresentar* e *retomar* referentes recategorizando-os, por confirmações e mudanças (progressões).

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, D. B. L.; FERNANDES, J. D. C. (2008). Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: Almeida, D. B. L. (Ed.). **Perspectivas em análise visual: do foto jornalismo ao blog**. João Pessoa: UFPB, p. 11-31.

BONOMI, Andrea. (1994). Descrizioni. In: **Lo spirito della narrazioni**. Milão: Bompiani, p. 51-63

CAVALCANTE, M.M.; BRITO, M. A. P. (2016). **O caráter naturalmente recategorizador das anáforas**. A sair.

CAVALCANTE, M.M; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. (2014). **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez.

COSTA, M. H. A. (2007). **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Federal do Ceará.

CUSTÓDIO FILHO, V. (2011). **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 331p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

JEWITT, C; OYAMA, R. (2001). Visual meaning: a social semiotic approach. (2009) In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (Eds.). **Handbook of visual analysis**. London: Sage.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. (1996) [2006]. **Reading Images**. The Grammar of Visual Design. London: Routledge.

LEAL, A. A. (2011). **A organização textual do gênero cartoon: aspectos linguísticos e condicionamentos não Linguísticos**. Tese de doutorado. Universidade Nova de Lisboa.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. (1994). Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA E SILVA, A. (Orgs.). **Referenciação**: São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

***Mônica Magalhães Cavalcante** é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1985); tem mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (1996) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). Em 2003, fez pós-doutorado em Linguística pela Unicamp. Desde 1989, é professora da Universidade Federal do Ceará e, atualmente, é bolsista CNPq de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1. Tem experiência na área de linguística textual, com ênfase em referenciação,

intertextualidade, metadiscursividade, argumentação, heterogeneidades enunciativas, gêneros do discurso, articulação tópica e sequências textuais.

***Mariza Angelica Paiva Brito** é professora do Mestrado em Estudos da Linguagem e do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (Unilab); Bolsista de Produtividade em Pesquisa da FUNCAP (BPI); Professora Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB); Pós-Doutora em Linguística de Texto, Mestre e Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Líder do GELT - Grupo de Pesquisa em Linguística Textual (CNPq / UNILAB) e Vice-líder do PROTEXTO - Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq / UFC). Membro do GT Linguística do Texto e Análise da Conversação, da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL); Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará; Desenvolve pesquisas na área de Linguística Textual, Psicanálise, heterogeneidade enunciativa e argumentação.

Recebimento: 30 de junho de 2020.

Aprovação: 20 de agosto de 2020.